

COMENTÁRIO

“E NO PRINCÍPIO ERA O VERBO...” (UMA “DESLEITURA” DE CABALA E CRÍTICA, DE HAROLD BLOOM)

Nair Leme FOBÉ
Instituto de Letras
PUCCAMP

O mundo acadêmico acaba de ganhar uma nova biblioteca, fato bastante inusitado neste nosso país carente de coisas básicas e, entre essas coisas básicas, do saber. Essa nova biblioteca, dirigida por Arthur Nestrovski e que recebeu o nome de Biblioteca Pierre Menard (Editora Imago), vem ocupar um “vazio da leitura”, propondo-se “à publicação de trabalhos de interpretação literária de autores nacionais e estrangeiros”. A sua proposta é bem ambiciosa - corresponder ao interesse dos estudiosos de vários ramos do saber por questões de interpretação e leitura.

O lançamento de “Cabala e Crítica”, de Harold Bloom, traduzido por Monique Balbuena, vem trazer o pensamento desse professor da Universidade de Yale, autor de muitos livros e organizador geral de 800 volumes de crítica literária sobre como estabelecer teorias para a análise crítica da literatura. Há hoje uma tendência ao esotérico e, no meio dessas inclinações ao misticismo, à leitura das cartas do Tarô. Vemos como alguns estudos, como os de Gershom Scholem, vêm constituir uma fonte para sugestões

literárias e um embasamento para a crítica. É nesse veio que Harold Bloom vai buscar inspiração para casar Cabala e Crítica. Seu argumento é que, desde Milton, a quem ele classifica como poeta verdadeiramente subjetivo, os poetas têm consciência de sua "tardividade". Assim como as interpretações bíblicas estariam tardias para as anteriores, que exploraram as possíveis dobras de significado, os poetas têm a sensação de terem chegado tarde na história poética e que seus antecessores já usaram a inspiração disponível. Experimentam um sentimento Edipiano de ódio à figura do pai, um desejo desesperado de negar sua paternidade. A forma de agir a essa situação de tardividade é de agressão psíquica a fim de conquistar seu espaço imaginativo. O significado de um poema não está nele, não vem dele mas se encontra entre poemas, na relação com outros poemas. Isto implica numa "desleitura" dos escritores anteriores a fim de se conseguir uma nova interpretação. Essa "desapropriação poética" vai gerar aquele espaço necessário onde comunicam sua própria inspiração autêntica. Sem essa luta com o significado, a tradição sufocaria toda a forma de criatividade.

É aí que entra a Cabala judaica, como Bloom a lê, a partir dos escritos de Isaac Luria e sua descrição de uma cosmogonia negativa, ou uma construção desconstrutiva, em 3 fases: Tzimtzum, ou o esvaziamento, limitação, um "auto-ocultamento de Deus, ou ainda, de sua entrada em Si mesmo... onde Deus abre um espaço para a criação, para um não-Deus" (p.49); Sheviráh, ou a quebra dos vasos, a transformação, a substituição de uma forma por outra. "Paradoxalmente, o Nome de Deus era forte demais para suas Palavras, e a quebra dos vasos se tornou necessariamente um ato divino de substituição, onde um modelo original dava lugar a um mais caótico - mas, ainda assim, modelo" (p. 50). Assim, como afirma Freud, o homem precisa amar para não ficar doente, o Deus de Luria precisa criar para continuar saudável. A última fase é Tikún, representação, a libertação do significado, "o processo salvador de restauração e restituição" (p. 51).

Antes de Luria, toda a Cabala via a criação como um processo em progresso, movendo-se numa única direção, saindo

de Deus e alcançando o homem. Esse movimento era constituído de estágios ligados entre si e pelos quais o homem passava sem grandes saltos. Luria tem uma visão contrária; para ele, a criação é "um surpreendentemente regressivo, onde cada estágio pode ser separado do outro por um abismo e onde a catástrofe é sempre um evento central". (p. 49)

Para Bloom, quando um poeta "forte" escreve, ele passa pelas três fases, de forma dialética, e, na medida em que trava uma luta com os poetas fortes do passado, vai fazendo uma "desleitura" de seus textos e descobre como se dá o significado, através de tropos, de torções de linguagem, que substituem Deus. Daí o papel de uma tradição cabalística, ou tradição da tradição, já que cabala significa tradição ou, como nos dizem Monique Balbuena e Arthur Nestrovski, na sua apresentação ao livro traduzido, é falar "numa série sem origem e sem fim" (p. 14). O que fica é a idéia de distanciamento, de liberação de um texto com respeito a seu antecessor e o poeta "forte" vai ter que lidar com o que Bloom chama de "ansiedade de influência", adotando, separada ou sucessivamente, suas defesas psíquicas, que se metamorfosam, na poesia, em tropos que permitem ao poeta se esquivar dos poemas de seu antecessor.

"Cabala e Crítica" foi escrito em 1975 e somente agora chega ao Brasil, através da tradução de Monique Balbuena, mas, como nos dizem a tradutora e Arthur Nestrovski, "o bom esotérico deve passar, mas o Bloom esotérico fica, projetando sua sombra sobre nós, leitores tardios" (p. 16). É o terceiro volume da "tetralogia da influência", onde Bloom busca estabelecer parâmetros teóricos para uma crítica literária, sendo que seu principal interesse é a luta que travam os poetas tardios, ou efebos, com os textos precursores e as relações entre textos e como um texto influi em outro e como um poeta forte, um leitor vigoroso tem a ousadia de distorcer, de desviando texto supostamente original - pois a originalidade, como nos diz Valéry, só existe quando se ignoram as fontes.

O livro, na sua versão brasileira, contém uma apresentação que dá uma síntese do conteúdo do pensamento bloomiano e uma justificação para certos recursos tradutórios. Segue-se um prólogo,

com o subtítulo "Isso, Também, Devo ter Sabido". O primeiro capítulo é um estudo sobre a Cabala e a contribuição feita por Gershom Scholem. Segundo Bloom, é "tão retórica e figurada quanto histórica" (p. 27). Para Bloom, a Cabala é "essencialmente uma visão de tardividade", e afirma que qualquer exposição sobre a Cabala deve conter descrições do gnosticismo e do neoplatonismo. Comenta a contribuição de alguns estudiosos, como Codovelo (1522 - 70) e de seu discípulo Isaac Luria e como a Cabala prefigura, em muitos aspectos, a doutrina freudiana e como a Cabala prática se apresenta em duas áreas: a demonologia e a chamada **Guematria**, "a explicação de palavras conforme seus valores numéricos ou equivalentes, estabelecidos segundo rígidas regras" (p. 54). Termina esse capítulo, dizendo que a Cabala se distingue do "misticismo cristão e ocidental pelo fato de representar mais um modo de especulação intelectual do que uma via de união com Deus" (p. 56) e como, no seu aspecto negativo, buscou "um poder mágico sobre a natureza", mas que, no seu ponto mais positivo, descobriu "o poder da mente sobre o universo da morte". (p. 57)

No segundo capítulo, Bloom casa Cabala e crítica, apoiando-se nos fundamentos teóricos de vários estudiosos, como Charles Sanders Peirce, Thomas Kuhn, Cordovero e Isaac Luria e demonstra como a grande contribuição da Cabala para a crítica é a de que "o significado nos textos tardios é sempre errante, assim como os judeus tardios eram um povo errante", sendo que o significado vagueia de texto a texto e dentro do texto, como os judeus, para se proteger. É nessa "defesa" e luta entre os efebos e seus antecessores, nessa "violação" e "transgressão" que surge o novo poeta forte.

O terceiro capítulo inicia com várias indagações que convidam a participação de qualquer professor universitário a um processo de canonização, o que, para Bloom, "é a versão mais extrema daquilo a que Nietzsche chamou de interpretação, ou seja, o exercício da Vontade de Potência sobre textos" (p. 110) e pondera que, um bom ponto de partida para um arcabouço teórico para a crítica literária, é a libertação da idéia de que a boa crítica se apóia numa sólida capacidade descritiva, pois o poema, para ele,

“não tem nada, e não cria nada” (p. 132), já que **“um poema é um substituto de uma primeira chance perdida”** (p. 133).

O Epílogo, o nome pronunciado sobre a Água, é uma metáfora do que, para Bloom, é o início da poesia - **“quando alguém que será poeta lê um poema”**, pois **“ser poeta é ser um interpoeta”**.

Cabala e Crítica propõe a releitura das coisas e todos nós somos leitores efebos e buscamos, através de uma desleitura dos textos, voltar àquela unidade perdida, no momento em que Deus se contrai, entra para dentro de si mesmo e, encolhendo sua presença, cria o espaço ocupado pelo universo. O homem vai partir de substituições desse modelo original de Deus e torna-se sujeito de um ato criativo mais caótico mas que ainda contém fragmentos do modelo original daí ser todo ato criativo do homem um ato de amor e também resultado de uma necessidade catastrófica. É a busca da unidade perdida, da reorganização desse mundo estilhaçado após a **“quebra dos vasos”** e da palavra primeira que era livre de conotações e que dá sentido à jornada do homem no universo.